

Mercado de Ferro

Restauração e Conservação - 2010/2015

Apoio:



Realização:



Ministério da
Cultura



Mercado de Ferro

Restauração e conservação - 2010/2015



Ver-o-Peso

A canoa traz o homem
a canoa traz o peixe
a canoa tem um nome
no mercado deixa o peixe
no mercado encontra a fome
a balança pesa o peixe
a balança pesa o homem
a balança pesa a fome
a balança vende o homem
vende o peixe
vende a fome
vende e come
a fome vem de longe
nas canoas
ver o peso
come o peixe
o peixe come
o homem?
vende o nome
vende o peso
peso de ferro
homem de barro
pese o peixe
pese o homem
o peixe é preso
o homem está preso
presa da fome
ver o peixe
ver o homem
ver a morte
ver o peso.

Max Martins

Fig. 01: Mercado e Feira do Ver-o-Peso.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.

PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

PRESIDENTA DO IPHAN
Jurema Machado

**PROCURADOR CHEFE DA
PROCURADORIA FEDERAL/IPHAN**
Ronaldo Guimarães Gallo

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO
PATRIMÔNIO MATERIAL E
FISCALIZAÇÃO**
Andrey Rosenthal Schlee

**DIRETORA DO DEPARTAMENTO
DE PATRIMÔNIO IMATERIAL**
Célia Maria Corsino

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
PLANEJAMENTO E
ADMINISTRAÇÃO**
Marcos José Silva Rêgo

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
ARTICULAÇÃO E FOMENTO**
Luiz Philippe Torelly

IPHAN NO PARÁ

SUPERINTENDENTE
Maria Dorotéa de Lima

COORDENADORA TÉCNICA
Adma Noêmia Santana Lopes

**COORDENADORA
ADMINISTRATIVA**
Lucimar Florêncio de Sousa Castro

**RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO
DO MERCADO DE FERRO**

EQUIPE TÉCNICA IPHAN/PA
Arquitetos(as):
Adma Noêmia Santana Lopes
Fernando José de Mesquita
Giovanni Blanco Sarquis
Maria Dorotéa de Lima
Técnico em Edificações:
Ivan Palmeira
Educadora:
Carla Ferreira Cruz
Estagiários:
Luciene Cordeiro (Arquitetura)
Paulo Guimarães (Edificações)
Tatiana Guimarães (Engenharia)

EMPRESA CONTRATADA
Construtora Habitare LTDA.

EQUIPE TÉCNICA DA HABITARE
Max Pinto (engenheiro responsável)
Fabrício Cunha Monteiro (arquiteto)

**AÇÃO EDUCATIVA
VER-O-PESO DAS ÁGUAS**
FotoAtiva
Miguel Chikaoka (Coordenador)

**PUBLICAÇÃO SOBRE O
MERCADO DE FERRO**

ORGANIZAÇÃO
Carla Ferreira Cruz
Fernando José de Mesquita
Giovanni Blanco Sarquis

ELABORAÇÃO DE TEXTO
Carla Ferreira Cruz
Cyro Holando Lins
Fernando José de Mesquita
Giovanni Blanco Sarquis
Paula Caluff

DESENHOS
Fabrício Cunha
Fernando José de Mesquita
Giovanni Blanco Sarquis

PROJETO GRÁFICO
Fernando José de Mesquita
Giovanni Blanco Sarquis

REVISÃO FINAL
Giovanni Blanco Sarquis
Maria Dorotéa de Lima

FOTOS
Bibliografia e sites consultados
Giovanni Blanco Sarquis (inclusive da capa)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

M553 Mercado de Ferro : restauração e conservação 2010/2015 /
organização, Carla Ferreira Cruz, Fernando José de Mesquita e
Giovanni Blanco Sarquis. – Belém, PA : Iphan-PA, 2015.
32 p. ; 20 x 20 cm

ISBN : 978-85-60909-12-4

1. Arquitetura do Ferro. 2. Bens tombados. I. Cruz, Carla Ferreira.
II. Mesquita, Fernando José de. III. Sarquis, Giovanni Blanco.

CDD 721.0447



Fig. 02: Portão principal do Mercado de Ferro.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.

Apresentação



Fig. 03: Mapa de localização do Mercado de Ferro do Ver-o-Peso.
Desenho: Fernando Mesquita, 2015.

O Iphan, autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, é a instituição pública que promove e coordena o processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro, de modo a fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país.

Nos últimos anos, o Iphan vem expandindo fronteiras no sentido da ampliação da sua área de atuação, geograficamente falando, no que se refere a tombamentos, registros e à realização de ações educativas e de inventário, mas, também, de forma relacionada ao alargamento do conceito de patrimônio, ao reconhecimento da diversidade cultural e à correspondente ampliação das demandas sociais.

Nessa perspectiva, as parcerias institucionais e com a sociedade civil têm o seu papel ampliado junto ao Iphan, contribuindo para a viabilização de ações de preservação e de valorização do patrimônio, bem como para o aprimoramento dos processos institucionais cada vez mais participativos no

que se refere à identificação do patrimônio nacional e ao compartilhamento da atribuição de valores patrimoniais.

No caso da obra de restauração, conservação e adequações do Mercado de Peixe - primeira obra com recursos do PAC - Cidades Históricas concluída em Belém/PA -, destacamos as parcerias: com a Prefeitura de Belém, por meio da Secretaria de Economia, administradora do Ver-o-Peso, que atuou junto aos permissionários (peixeiros e lojistas), na mobilização e organização destes para a realização desta obra sem a interrupção das atividades comerciais; com a Universidade Federal do Pará (UFPA), que por meio do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação (Lacore) contribuiu com as prospecções pictóricas e análises correspondentes; com a sociedade civil que por meio de mensagens e questionamentos sobre a cor que seria adotada para o Mercado levou-nos a realizar pesquisa de opinião a respeito, possibilitando-nos informar,

na oportunidade, sobre a pesquisa realizada pelo Iphan a esse respeito, divulgando os resultados das análises realizadas e contribuindo para a escolha da cor para o edifício; com o Centro de Memória, também da UFPA, que viabilizou o formato da pesquisa e a sistematização dos resultados por meio do Ver-o-Site, sítio sobre o Ver-o-Peso, que é abrigado na página da Universidade e que foi organizado, de forma participativa, em parceria anterior, com o Centro.

Dentro destas perspectivas a Superintendência do Iphan no Pará tem atuado em projetos no Estado contemplando desde inventários e registros de bens culturais, que abrangem diversos municípios e territorialidades (Círio de Nazaré, Festividades do Glorioso São Sebastião na Ilha do Marajó e, recentemente, o Carimbó); a projetos de restauração de edifícios históricos (antiga estação ferroviária de Icoaraci e palacete Augusto Corrêa em Bragança); além de obras de restauração e conservação, como as igrejas de Santana, São João Batista e do Carmo (em parceria com a Obras Sociais da Arquidiocese de Belém), o próprio Mercado de Peixe, os fortes de Gurupá e Óbidos, e as ruínas de Joanes, em Salvaterra, no Marajó.

Diante dessas responsabilidades e do compromisso com a identificação, documentação, promoção e preservação dos bens que constituem e identificam a cultura brasileira, o Iphan apresenta esta publicação, compartilhando, mais uma vez, informações sobre o Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, popularmente conhecido como Mercado de Peixe, agradecendo a equipe técnica do Iphan, da Fotoativa e da contratada, operários e demais trabalhadores que participaram da obra e trabalhadores do Ver-o-Peso pela compreensão dos transtornos inerentes à intervenção e todos os demais que, de alguma forma, contribuíram para essa realização.

Introdução

Localizado entre os bairros da Cidade Velha e Campina, na doca do Ver-o-Peso, o Mercado de Ferro foi inaugurado em 1901, consolidando-se como ponto de venda de produtos alimentícios da Amazônia. Nesta publicação relatamos aspectos relacionados à história do lugar em que o mercado foi construído, bem como uma sucinta contextualização da época e do estilo arquitetônico de sua construção. Também são relatadas informações sobre a intervenção conservativa encerrada em 2015, realizada como o intuito de reverter danos físicos, adequar o edifício a melhores condições de acessibilidade, manuseio de alimentos *in natura*, e preservar a beleza deste excepcional patrimônio.

O mercado foi tombado pelo Iphan em 1977, integrando o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso, enquanto patrimônio histórico e artístico nacional por seu valor excepcional, nos termos do Decreto-Lei nº 25/1937. Tratou-se, portanto, do reconhecimento da integração de seus atributos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos ao conjunto tombado, delineados ao longo dos séculos e representados por este patrimônio material.

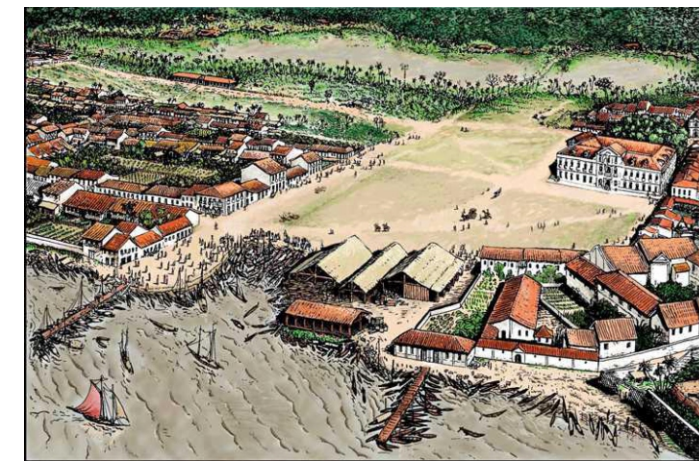


Fig. 04: Complexo do Ver-o-Peso.
Fonte: PARATUR, p. 11 (Desenho: Luiz Pinto).

Antecedentes



Fig. 05: Doca do Ver-o-Peso, ainda sem o mercado, final do século XIX.
Fonte: <<http://www.dezenovevinte.net>>. Acesso: 10.10.2014.

O local onde foi erigido o Mercado de Ferro do Ver-o-Peso surgiu às margens de um porto natural, no encontro do igarapé do Piry com a baía de Guajará, como toda e qualquer feira, ou seja, como ponto de comercialização do excedente de produção e de intercâmbio de mercadorias. As feiras, historicamente, não exigiam um lugar definitivo para a prática comercial; a partir do renascimento comercial e urbano na Europa no século IX, começou uma transformação na economia, na vida social e, principalmente, na paisagem urbana; dessa maneira, elas foram criadas por mercadores, destacando-se como importantes entrepostos comerciais de trocas e centro do desenvolvimento urbano. Com a permanência de sociedades em um mesmo território, a progressiva organização da atividade e a existência de ciclos cuja produção despertava interesse e gerava demanda, as feiras tornaram-se lugares permanentes, que apresentavam enorme variedade de produtos ao consumidor.

Nesse contexto histórico, a vocação de feira no local onde foi construído o Mercado do Ver-o-Peso relaciona-se, ainda que sem data precisa, com a fundação de Belém junto ao Forte do Presépio no bairro da Cidade Velha, quando o



Fig. 06: Doca do Ver-o-Peso, com o mercado, início do século XX.
Fonte: <<http://blogdogersonnogueira.wordpress.com>>. Acesso: 10.10.2014.

governo português implantou um programa de coleta de impostos, que resultaria numa progressiva movimentação comercial, ao redor da antiga doca localizada às proximidades do alagadiço de Juçara (atual doca do Ver-o-Peso). Tratava-se de um ancoradouro natural que permitiu o desenvolvimento de um ponto de chegada e saída dos barcos que seguiam para o interior da região Amazônica ou partiam mar afora (CRUZ, 1973, p. 107).

O posto da mesa fiscal foi instalado para a contabilização dos impostos devidos à Coroa portuguesa, de maneira a aferir o peso de todas as mercadorias e recolher os dividendos; daí o nome de casa do “haver o peso”, inaugurada por volta de 1625. Nessa oportunidade, a renda dos impostos não era enviada em sua totalidade à Portugal, pois uma parcela era retida pelo Senado da Câmara, visando assegurar reservas financeiras que pudessem ser utilizadas em épocas de instabilidade política.

O antigo posto fiscal funcionou até meados de 1840, e no final do século XIX a Intendência Municipal contratou a execução de um novo mercado, resultando no Mercado de Peixe. Esta obra está inserida na lógica de transformações

espaciais e expansão da cidade, precisamente durante o apogeu da exploração e venda dos subprodutos do látex a partir da segunda metade do século XIX.

Segundo Lima (2008), nesta época, a cidade de Belém concentrava o comércio de produtos extrativistas, oriundos do interior da Amazônia e destinados ao mercado tanto local como internacional e, de outro lado, era também ponto de distribuição das mercadorias europeias que abasteciam o comércio local e regional tornando-se, portanto, o maior entreposto comercial da Região Amazônica. Em decorrência desse intenso fluxo de mercadorias e pessoas, consolidou-se na área de ocupação inicial da cidade, o complexo de feiras conhecido como "Ver-o-Peso", nome que se reporta ao antigo posto de arrecadação fiscal.

Ao longo do tempo, o lugar sofreu inúmeras modificações, seja devido à construção de um novo porto, aterramento e reurbanização da área com o alargamento da via - transformada em um grande "boulevard"; como em função do estilo arquitetônico vigente à época: o *Art Nouveau* da *Belle Époque*. Tratava-se de um processo amplamente adotado nas transformações das cidades brasileiras na transição do século XIX para o XX, comprometidas com ideais de embelezamento, ordenamento e saneamento. Como exemplo, citamos a inauguração de importantes mercados públicos construídos segundo estilos importados e com materiais imponentes (também importados), o ajardinamento de inúmeras praças, a construção de cemitérios públicos e o planejamento de um novo bairro (Marco) em área de expansão da cidade.

Em Belém, ainda sob efeitos da euforia provocada pelas riquezas adquiridas com o comércio da borracha, a área da feira do Ver-o-Peso tornou-se especialmente integrada aos bairros históricos da Campina e da Cidade Velha, tanto em aspectos geográficos como sociais, assumindo as atuais feições do conjunto arquitetônico e paisagístico.

Em 1901, com o novo Mercado de Carne construído, o

Mercado de Ferro foi inaugurado, todo em estrutura metálica importada e destinado, principalmente, à comercialização de uma variedade de produtos regionais (peixes, frutos e farinha, por exemplo). Em virtude de sua posição e das quatro torres que arrematam seus cantos chanfrados, o edifício tornou-se marco referencial na paisagem urbana, contribuindo para consolidar a representação do Ver-o-Peso como "cartão postal de Belém". Relaciona-se a isto, o fato do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso, do qual o Mercado de Ferro faz parte, ter sido tombado pelo Iphan em 1977, e inscrito nos Livros do Tombo de Belas Artes e Histórico, além do Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

Conforme Lima (op. cit.), o complexo do Ver-o-Peso associa características das cidades ribeirinhas amazônicas às condições de uma cidade grande, constituindo-se como lugar de intensa vida social decorrente das práticas cotidianas de trabalho em torno das quais são tecidas complexas redes de relações sociais, públicas e privadas, comerciais e familiares que se objetivam no uso e formas espaciais. Em virtude projeto urbanístico com a doca adentrando a cidade, nos períodos de "águas grandes", na maré cheia, o edifício parece flutuar sobre as águas da baía, imagem incorporada em muitas representações artísticas do Ver-o-Peso.



Fig. 07: Complexo do Ver-o-Peso.
Fonte: <<http://viverascidades.blogspot.com.br>>. Acesso: 15.12.2014.

A Arquitetura do Ferro

Na passagem do século XIX para o século XX, inúmeras mudanças socioeconômicas resultaram em transformações espaciais nas principais cidades em escala mundial. A cultura europeia foi tornada modelo, símbolo de progresso e modernidade, sendo reproduzida em inúmeras sociedades pelo mundo, independentemente da localização geográfica e nível de desenvolvimento humano. Uma motivação burguesa movida por ideais modernos.

No Brasil, os efeitos dessa cultura importada tornaram-se possíveis pelo seu próprio estágio pré-industrial, referenciado no modelo europeu de desenvolvimento, contribuindo com a abertura dos portos ao comércio internacional - resultando na importação de mercadorias -, no capital gerado com o comércio de produtos agrícolas (borracha, açúcar, cacau, café) - seguindo o padrão de economia agrário-exportadora -, e no desejo da nova burguesia nacional - também constituída por imigrantes

estrangeiros - de se legitimar como classe dominante, com a estruturação do espaço urbano segundo características (hábitos e costumes) inerentes à cultura do europeia.

Na região Norte do país, esse período tornou-se conhecido como *Belle Époque*, resultado do desenvolvimento da economia do látex na Amazônia (1870-1910) e relacionado às transformações na reprodução do capital e de acumulação de riquezas pela burguesia e governos nacionais em escala mundial. Com o sucesso da comercialização da borracha, Belém assumiu o protagonismo no escoamento dessa produção, em face da localização estratégica e da modernização de sua estrutura portuária, e de vanguarda cultural da região. Nesse contexto, as mudanças políticas, sociais e econômicas motivaram a necessidade de modernização urbana, de modo a adequá-la à nova ordem econômica mundial, com investimentos em inúmeras transformações espaciais e de infraestrutura pela cidade.



Fig. 08: Chalé de Ferro da UFPA.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.

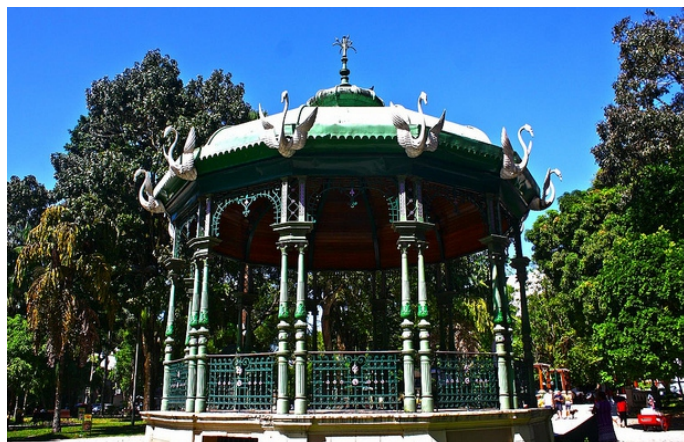


Fig. 09: Pavilhão central da Praça Batista Campos.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 10: Pavilhões metálicos no Mercado Francisco Bolonha.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 11: Mercado de Ferro do Ver-o-Peso.
Fonte: SECULT, p. 53.

O desenvolvimento urbano planejado foi possível com a implantação da República, garantindo maior autonomia ao Estado quanto à aplicação das divisas econômicas provenientes da exportação da borracha em melhoramentos na cidade. Neste sentido, o próprio embelezamento visual da cidade estava associado à economia e aos valores estéticos da classe burguesa (constituída por brasileiros e estrangeiros), além da aplicação dos ideais inerentes ao positivismo, assim enfatizado pelo novo regime republicano. Durante a administração municipal de Antonio Lemos (1897-1912), a cidade de Belém assistiu obras que resultaram na modernização da cena urbana: construção e reforma de praças e parques; alargamento, calçamento e arborização de vias, urbanização de um novo bairro (Marco); regularização de edificações particulares mediante novo código de obras; implantação de serviços de infraestrutura (rede de esgoto, abastecimento d'água e iluminação à gás) e transporte (bonde e trem urbano); além da construção de inúmeros edifícios e equipamentos urbanos segundo estilos artísticos europeus.

Neste contexto, não apenas a Municipalidade como também empresas privadas e famílias mais favorecidas

importaram elementos identificados com a arquitetura do ferro, como armazéns portuários, chalés, postes de iluminação, chafarizes, reservatórios d'água, relógios, coretos, chafarizes, colunas, escadarias, além, é claro, do mais expressivo edifício em estrutura metálica da cidade: o Mercado de Ferro do Ver o Peso. Essa prática confirmou a enorme repercussão de estruturas de ferro importadas e utilizadas na montagem de edificações e mobiliário urbano, mais precisamente no período de 1890 a 1910, que prenunciavam “conceitos racionalistas” (GOMES, 2000).

A introdução dessa tecnologia construtiva, ao mesmo tempo que representava uma linguagem arquitetônica, desempenhou singular importância no plano físico - relacionado às ideias do pensamento moderno -, pois a importação desses elementos (estruturas), em forma de fragmentos, estava alinhada à própria natureza da modernidade (BARRA, 2003, p. 09), na medida em que permitia incorporar uma concepção construtiva inovadora do que havia de mais moderno na cultura europeia ao contexto das cidades brasileiras em transformação na virada do século.

Essa oferta de produtos em ferro não aconteceu ao

acaso. Surgida em alguns países europeus (especialmente na Inglaterra) no último quartel do século XIX, esteve relacionada com a larga oferta (escala) de produção que não era atendida pela demanda dos mercados europeus, exigindo alternativas para seu escoamento. A alternativa mais eficiente, neste caso, foi a exportação para colônias africanas e países latinos e caribenhos pré-industriais. Nessa oportunidade, ganhou impulso a pré-fabricação de edifícios, motivada por avanços tecnológicos na produção do ferro, como o corrugado, produzido a partir do ferro laminado:

O ferro corrugado era um material de fácil transporte e montagem, leve e podia ser produzido em larga escala e empregado em coberturas, paredes, etc. Era um sistema rápido, barato, impermeável, não-sujeito a ataques de insetos e, considerado na época, incombustível. No entanto, deveria ser pintado periodicamente, a fim de se evitar a corrosão (KUHL, 1998, p. 70).

A arquitetura do ferro para exportação alcançou maior repercussão com o desenvolvimento do sistema Danly, elaborado pelo engenheiro belga Joseph Danly em 1885. Tratava-se de um sistema construtivo que se adaptava aos interesses dos compradores e dos fabricantes exportadores, na medida em que empregava chapas metálicas estampadas duplas e dispensava mão de obra qualificada para a montagem das estruturas de ferro. Além das possibilidades estéticas, o sistema de montagem das chapas resultante foi aperfeiçoado pouco depois, na fábrica *Forges d'Aisena*, de maneira que a união dos elementos metálicos permitisse a circulação do ar no espaço entre as chapas, obtendo maior isolamento térmico e melhores condições de conforto ambiental. Segundo Kuhl (op. cit., p. 339-340), “o novo método de junção entre as peças e a standardização do formato permitia maior flexibilidade de emprego, facilitando tanto as alterações no edifício quanto

o intercâmbio entre as partes”.

O ferro tornou-se amplamente comercializado - considerando seu emprego estrutural em construções na Europa no século XVIII, e, posteriormente, no século seguinte, a partir de avanços tecnológicos com a técnica do ferro fundido e do ferro laminado -, em virtude de inúmeras finalidades, desde a produção de maquinário e equipamentos domésticos a estruturas de edifícios. Neste caso, as estruturas de ferro utilizadas em diversas construções na capital paraense eram compradas por meio de catálogos, fornecidos por fabricantes, sobretudo britânicos, belgas, franceses e alemães. “Esses edifícios poderiam ser montados de acordo com as necessidades do consumidor, e seguiam para seus locais de destino com amplas instruções, o que facilitava muito a sua construção” (BARRA, op. cit., p. 10).

As possibilidades permitidas pela arquitetura do ferro estavam relacionadas com as qualidades construtivas e estéticas do material, e do próprio processo construtivos dessa tecnologia, que permitia ser aplicada onde não existisse mão de obra especializada e com agilidade na montagem dos elementos. O resultado dessa arquitetura pode ser interpretado como uma cidade europeia de características modernas nos trópicos.



Fig. 12: Casario do Boulevard Castilhos França e Mercado de Ferro.
Fonte: SECULT, p. 83.

A Arquitetura do Mercado



Fig. 13: Mercado do Ver-o-Peso, década de 1910.
Fonte: <www.frenesicultural.com>. Acesso: 15.11.2014.

O Mercado de Ferro - também conhecido como Mercado de Peixe - foi construído no local onde antes funcionava a “Casa do Haver o Peso”, um posto de fiscalização e tributos dos gêneros trazidos à Belém para o controle do peso das mercadorias, desativado na década de 1840 e, posteriormente, demolido. Com a urbanização da área, a partir do aterramento e da construção do cais do porto que seguia pelas atuais avenidas Portugal e XVI de Novembro até o igarapé do Piri (atualmente Av. Tamandaré), foi construída a doca do Ver-o-Peso, e nela iniciada, no final do século XIX, a construção dos dois mercados de abastecimento da cidade: o de carne e o de peixe. A obra do mercado de peixe foi autorizada pela Lei Municipal nº 173, de 30 de dezembro de 1897.

A construção, melhor seria dizer, a montagem da estrutura - importada dos Estados Unidos e da Inglaterra -, teve início em 1899, segundo projeto de Henrique La Rocque e sob a responsabilidade dos engenheiros Bento Miranda e Raimundo Viana, com inauguração realizada em 1º de dezembro de 1901 (LE MOS, 1897-1902). Com o funcionamento, o edifício tornou-se um centro de referência



Fig. 14: Interior do Mercado de Ferro do Ver-o-Peso.
Fonte: <https://blogdogersonnogueira.files.wordpress.com>. Acesso: 10.11.2014.

para comercialização de inúmeros produtos *in natura*, especialmente nos talhos existente no seu interior, destinados à venda de gêneros alimentícios e peixe; enquanto nas lojas, existentes no perímetro externo, eram vendidos outros produtos ou abrigavam atividades comerciais.

O mercado é um edifício eclético, construído predominantemente em ferro, que apresenta elementos de composição arquitetônica de linguagem clássica, como o eixo de simetria, fachadas simétricas, equilíbrio na relação entre cheios e vazios e disposição ritmada dos vãos em arco. Esteticamente, as fachadas ressaltam a influência *Art Nouveau* - estilo marcante durante a *Belle Époque* -, definidora dos motivos decorativos existentes, como as molduras nos arcos dos vãos, e os adornos sinuosos e frisos na platibanda do mercado. A volumetria regular dessa construção, cujo grande salão tem elevado pé-direito, é interrompida por quatro frontões sobre os acessos principais e que seguem as linhas de contorno das fachadas; e acentuada pela verticalidade provocada pelas quatro torres cujas coberturas piramidais são revestidas por telhas de zinco.

A arquitetura metálica desse edifício é constituída por

estrutura (pilares, vigas e treliças) e fechamento (chapas simples) em ferro. Nas fachadas, os vãos de portas eram em esquadrias de madeiras (duas portas de abrir a cada vão) e os arcos das janelas de iluminação das lojas em estrutura de ferro e vidro. A alvenaria de tijolo cerâmico existe apenas como divisória entre as lojas e delas em relação ao grande salão.

Os revestimentos de piso normalmente eram ladrilhos hidráulicos que, mesmo com acréscimos de outros pisos ao longo dos anos, continuaram sendo especificados, salvo as obras do último quartel do século XX, que incorporaram o korodur em todo o mercado. As paredes de alvenaria e as chapas metálicas receberam pintura de acabamento compatíveis com a natureza do material de base. Quanto ao forro só é possível atestá-lo nas lojas, em decorrência de mezaninos, neste caso normalmente em tábuas de madeira, com encaixe macho-fêmea; ao passo que no grande salão, as treliças metálicas de sustentação da cobertura e seu telhamento permaneceram aparentes.

A cobertura, por sinal, é composta por um amplo telhado central - sobreposto ao grande salão - constituído de dois níveis, ambos com quatro águas, e entre eles um lanternim formado por lâminas de vidro incolor inclinado; enquanto um outro lanternin, com as mesmas características, está posicionado abaixo do telhado inferior, no topo das paredes de separação entre as lojas e o salão. Neste ponto, inclusive, surgem outros quatro telhados, menores, com quatro águas de inclinação, localizados no intervalo entre as torres e servindo de cobertura às lojas. Toda a cobertura é revestida por telhas cerâmicas, do tipo *Marselha*.

O partido arquitetônico da edificação consiste em planta retangular central livre (31m x 67m), constituída por talhos que se distribuem pelas laterais e também ao centro. No cruzamento dos eixos centrais do mercado ergue-se escada helicoidal que conduz a plataforma onde fica instalada a administração. O edifício dispõe de quatro acessos, dispostos ao centro de cada uma das fachadas. Externamente, e

circundando o salão, tem-se as lojas que abrigam diversas atividades de comércio.

O perímetro externo do mercado, por sinal, apresenta a forma de um dodecágono - devido pequenas inflexões nos quatro vértices da planta do edifício -, originalmente de circulação livre em todo seu perímetro e a partir de qualquer uma das fachadas, de maneira que as lojas eram delimitadas apenas por balcões de madeira. Nota-se a partir de fotos e postais de época, que esses balcões foram sendo substituídos por paredes de alvenaria cerâmica, que passaram a delimitar pouco mais de quarenta lojas destinadas ao comércio/serviço. A partir deste momento, todas passaram a ter acesso independente pelo exterior. Cada estabelecimento possuía um mezanino, destinado a depósito, tal como nas quatro torres existentes nos vértices da construção, normalmente acessível por escada do tipo “caracol”.

Durante o século XX, a área onde está o Mercado do Ver-o-Peso, denominada de “Complexo do Ver-o-Peso”, adquiriu o formato atual, alcançando cerca de 26.000m², constituída pelo Mercado de Peixe, o Mercado de Carne, a Praça do Pescador, a Praça do Relógio, o Solar da Beira, a feira livre e os sobrados históricos. E exatamente pelo valor etnográfico e paisagístico desse conjunto - popularmente conhecido como a maior feira ao ar livre da América Latina - o Iphan efetuou seu tombamento em 1977, nomeando-o de Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Ver-o-Peso.

Ao longo do século XX, o Mercado passou por períodos de abandono, inclusão de elementos extemporâneos (por exemplo, nas fachadas foram incluídas portas metálicas de enrolar nos vãos das portas e marquise de concreto em todo o perímetro logo abaixo dos arcos de iluminação das lojas) e sérios problemas estruturais, os quais foram intercalados por obras e reformas. Em algumas destas, o fato da baía provocar inundações periódicas no local e, ao mesmo tempo, a força da maré solapar gradativamente o aterro dessa mesma área, o nível do piso sofreu inúmeras sobreposições de

camadas (em alguns pontos do mercado prospecções detectaram até três tipos de ladrilhos hidráulico sobrepostos, resultando uma elevação de até 80 cm do piso original), com novos revestimentos, facilmente reconhecidos em prospecções no interior das lojas do edifício. Em 1985, ocorreu a primeira grande obra de restauração do mercado, realizada pela Prefeitura Municipal de Belém, na qual foi realizada a consolidação estrutural de uma das torres, precisamente na quina entre a doca do Ver-o-Peso e a baía,

A intervenção de 2010/2015

Depois de quinze anos desde a última grande obra ocorrida no Mercado de Ferro do Ver-o-Peso em 1985, houve uma reforma simplificada entre os anos de 1999 e 2000, que resultou na adaptação dos boxes de venda de pescado, com a inclusão de bancadas de inox para colocação de gelo e exposição do produto *in natura*; além disso, as lojas foram recuperadas externamente.

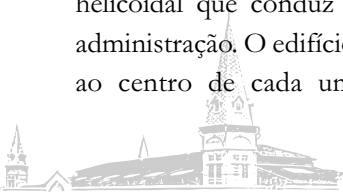
Decorridos pouco mais de dez anos, inúmeros problemas comprometiam a organização espacial, o funcionamento e a preservação do edifício por volta de 2010. Dentre os mais sérios, destacam-se a corrosão de estruturas de ferro, a inserção de lajes de concreto nos mezaninos de algumas lojas que resultava em sobrecarga nas estruturas, precárias instalações hidrosanitárias, de prevenção e combate a incêndio. Diante desse cenário, o Iphan contratou uma obra de conservação e restauração do Mercado de Ferro, com adaptações visando melhor atendimento às exigências dos órgãos fiscalizadores, bem como de acessibilidade, assegurando melhores condições de funcionamento e atendimento aos consumidores.

por meio de uma estrutura de baldrame e sapata-raiz - que apresentava inclinação acentuada (cerca de 1,10m), sob a coordenação do engenheiro Nagib Charone.

Por volta de 1999, uma última obra foi realizada, a partir de um concurso nacional de ideias, abrangendo a recuperação física do Complexo do Ver-o-Peso. Essa obra resultou numa reforma do edifício, sem resultar na sua restauração; além do acréscimo de vigas transversalmente ao longo do edifício, identificadas na obra atual.

A intervenção consistiu na estabilização estrutural do edifício, recuperação dos elementos estruturais e de vedação em ferro e alvenaria, implantação de novas instalações elétrica, telefonia, som, hidrossanitárias, sistema de drenagem de águas pluviais, cobertura, sistema de proteção de descargas atmosféricas, sistema de câmeras de segurança, sistema de prevenção de incêndio, implantação de câmara frigorífica, novos banheiros (incluindo feminino e para pessoas com deficiência física).

A obra contou com recursos próprios do Iphan, num total de R\$ 7.126.976,97, incluindo reajuste contratual. E o início dos serviços se deu com o desenvolvimento de projeto executivo, incluindo complementares, pela empresa contratada, em 2010. No ano seguinte, a partir de negociações com a Prefeitura, aconteceu a transferência de parte dos permissionários das lojas para o Solar da Beira, enquanto os peixeiros foram concentrados numa metade do salão, para que a 1ª etapa do serviço - abrangendo a outra metade do edifício - fosse iniciada em novembro de 2012. Concluída esta fase da obra, a outra parcela dos permissionários teve que



liberar as lojas para a reforma, enquanto os peixeiros passaram a compartilhar os boxes recuperados na 1ª etapa da obra. Em outubro de 2013 teve início a 2ª etapa, referente a outra metade do mercado, concluída nos primeiros meses de 2015, quando todo o edifício passou por uma revisão geral para que a obra pudesse ser considerada encerrada.

A intervenção realizada teve, sobretudo, o objetivo de conservar as características arquitetônicas do mercado, resultando na recuperação e/ou substituição de seus elementos estruturais, haja visto isto representar a própria arquitetura do edifício. Trata-se, portanto, de um aspecto inerente à arquitetura de natureza industrial, da qual o mercado é um significativo exemplar, tal como os armazéns do Porto de Belém, a estação ferroviária de Icoaraci - remanescente da antiga Estrada de Ferro de Bragança - e os chalés de ferro localizados no Bosque Rodrigues Alves e no campus da UFPA. Portanto, recuperar a integridade estrutural do Mercado de Ferro foi um aspecto fundamental para salvaguardar a memória deste expressivo projeto e garantir as condições adequadas para a continuidade de seu uso.

Destacam-se na intervenção a recuperação integral da cobertura (estrutura, lanternins e telhamento), o controle da corrosão em peças metálicas (pilares, vigas, treliças, chapas, esquadrias, elementos decorativos, telhas das torres, calhas) mediante a recuperação e/ou substituição das partes e de peças com elevado grau de deterioração por elementos similares, demolição de paredes e lajes que não eram originais (portanto, extemporâneas) construídas indevidamente e que resultavam em sobrecarga na estrutura do edifício, substituição das instalações elétricas, revisão com acréscimo das hidrosanitárias, bem como projetos complementares imprescindíveis para a segurança do mercado, como o sistema de proteção contra descarga atmosférica (SPDA), além da instalação de câmara frigorífica para armazenamento de gelo no propósito de abastecer as cubas expositoras.

A cobertura do edifício teve seu ripamento em madeira

e telhamento cerâmico totalmente substituído por peças similares; a telha, por exemplo, foi substituída por modelo similar, do tipo *Marselha* e em conformidade com a inclinação existente (25% no telhado principal e 45% nos laterais). Da mesma forma, os lanternins com chapas em vidro e metálica foram recuperados, novas calhas em chapa galvanizada foram instaladas, e todo o sistema de drenagem pluvial foi trocado. Nas torres, toda a estrutura de suporte das paredes e da cobertura de formato piramidal foram substituídas por peças similares em aço carbono; da mesma forma, as telhas em forma de chapas - que simulam escamas - foram substituídas por similares em ferro galvanizado.

Estruturalmente, o edifício apresenta um recalque de cerca de 1,10m, que gerou uma torção em grande parte dos perfis metálicos de vigas e (principalmente) pilares. Quanto a isso, a obra não contemplou a regularização integral, ou seja, a colocação da estrutura do mercado no prumo, pois isto ensejaria a total desocupação do imóvel para que equipamentos hidráulicos fossem instalados em sua fundação, reposicionando a estrutura para o nível adequado, fato complicado diante da dificuldade em reposicionar a grande quantidade de permissionários atuantes no edifício para outro local.

Com relação à estabilidade da estrutura, por volta de 1985 foi executada sua consolidação, mediante estacas raiz e baldrame de concreto. Na obra atual, a substituição dos perfis metálicos corroídos - provocado por infiltração de águas pluviais ou reação química com materiais não-originais - foi suficiente para reverter qualquer problema estrutural subsequente. Neste sentido, teve-se o cuidado em descartar qualquer peça cuja estabilidade tivesse comprometida; com a imediata substituição por elemento de dimensão similar.

Outra solução foi a remoção de lajes de concreto, paredes de alvenaria e grades metálicas construídas nos mezaninos das lojas que, segundo os permissionários, foram realizadas por razões de segurança. Estes elementos



Fig. 15: Vista externa pouco antes do início da obra.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.

resultavam numa sobrecarga na estrutura metálica do mercado, contribuindo para a torção de peças estruturais, que havia sido controlada com a consolidação citada anteriormente. Diante disto, houve a demolição dessas intervenções extemporâneas, 'aliviando' o peso sobre a fundação do edifício; e na sequência, foram construídos novos mezaninos, todos em estrutura, piso, forro, guarda-corpo e escada em madeira, além de novas paredes em alvenaria cerâmica delimitando as lojas.

Igualmente importante foi a revisão de todas as instalações do mercado, mediante detalhados projetos complementares que previam a revisão, recuperação e/ou execução, caso a caso, de cada tipo. No caso das instalações elétricas e de iluminação, ambas foram refeitas nas lojas e no interior do edifício, ressaltando-se a relocação da sala de medidores para o térreo; as hidrosanitárias tiveram sua ligação geral e ramais mantidos e recuperados, três banheiros construídos (feminino, masculino e acessibilidade), execução de novas instalações de esgoto (fossas) para as lojas e os banheiros, além da substituição dos reservatórios superiores de amianto por novos em fibra, destinados ao abastecimento geral (10.000 litros) do mercado, banheiros (2.000 litros) e



Fig. 16: Interior do mercado com boxes de venda de peixes.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.

comercialização de caranguejo (1.000 litros); todas as instalações de prevenção e combate ao incêndio foram refeitas; e acrescida uma câmara frigorífica para conservação do gelo fornecido, circuito interno de TV (CFTV), som ambiente e sistema de proteção contra descarga atmosférica (SPDA), com para-raios na cobertura.

No que se refere aos revestimentos, adotou-se a padronização como forma de garantir a unidade arquitetônica e facilitar a manutenção do espaço edificado. Assim, tanto o piso das lojas foi executado em korodur como o pavimento do grande salão, neste mesmo material, foi recuperado. As paredes internas de separação entre o salão e as lojas foram recuperadas, suprimindo pontos de infiltrações, revestimentos extemporâneos e reboco danificado, sendo posteriormente pintadas e/ou revestidas com pastilha cerâmica; caso a caso. Durante a obra, e após confirmação de que algumas soleiras originais de lioz estavam enterradas cerca de 80cm - por conta das sucessivas elevações do piso das lojas ao longo do tempo -, optou-se por reincorporá-las à fachada do mercado.

Quanto ao forro, foram executados em madeira apenas no térreo das lojas, ao passo que nos mezaninos e no



grande salão a estrutura metálica da cobertura e o telhamento foram deixados aparentes. Com relação às estruturas metálicas, feitas em aço carbono, todas foram lixadas e tratadas com pintura antioxidante e, posterior, acabamento em esmalte sintético; da mesma forma que os elementos metálicos de composição da fachada, no caso, chapas, cimbalhas, condutores e arcos - todos executados em ferro fundido -, mas com solda e lixamento próprios ao tipo de liga metálica utilizada em sua fabricação.

Durante a execução dessa obra - que consumiu cerca de três anos, o Iphan contou com a compreensão dos

permissionários e usuários do mercado no sentido de aceitar que a complexidade do serviço exigia o remanejamento das atividades para cada uma das metades do edifício, em função de cada uma das etapas em curso da obra. E agora, diante do resultado alcançado, consequência do esforço de inúmeros profissionais (arquitetos, engenheiros, mestres de obras, pedreiros, serventes, carpinteiros, eletricitas, encanadores, dentre outros), restitui-se ao Mercado do Ver-o-Peso suas cores, não no sentido *stricto sensu*, mas no que se refere à dimensão social que este espaço assume no cotidiano da cidade e do cidadão belenense.



Fig. 17: Laje de concreto no mezanino da loja.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.



Fig. 18: Estruturas extremamente corroídas.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.



Fig. 19: Salão em péssimo estado de conservação.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2013.



Fig. 21: Mezanino de loja com inúmeras intervenções.
Fonte: Acervo Iphan, 2011.



Fig. 23: Telhamento bastante desgastado.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2013.



Fig. 20: Lojas com alterações indevidas sendo demolidas.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 22: Elevada corrosão de peças metálicas.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 24: Estrutura da cobertura bastante danificada.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2013.

Critérios de restauração e conservação aplicados na obra

Na presente obra de restauração e conservação do Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, a intervenção realizada se alinha, em grande medida, a Teoria do Restauro, elaborada pelo teórico italiano Cesare Brandi, na primeira metade do século XX. Segundo esta teoria, nenhum empirismo deveria nortear as etapas de uma obra restaurativa, enquanto que apenas procedimentos técnicos é que serviriam para orientá-las, devido à especificidade da restauração, reconhecida enquanto ato estritamente científico.

Diante disso, dever-se-ia evitar que ações restaurativas e/ou conservativas resultassem em maior dano ao edifício do que a própria ação do tempo, tampouco poder-se-ia ignorar intervenções extemporâneas que agregaram valor (estético, simbólico, estrutural e/ou histórico) ao bem. Portanto, a intervenção no mercado é resultado do reconhecimento de sua caracterização física, considerando seu valor estético e estrutural e importância social; visando sua unidade potencial e evitando suposições sobre o estágio original do edifício, o que poderia induzir ao 'falso histórico'.

Considerando tratar-se de um expressivo exemplar de arquitetura industrial, a arquitetura do mercado se revela pela própria solução construtiva, cuja estrutura foi executada em ferro, importada desmontada e em Belém montada como um 'quebra-cabeça' estandardizado. Dito isto, não se poderia pensar neste edifício como uma arquitetura comum; incorporando-se, aos pressupostos da Teoria do Restauro, outras questões inerentes à natureza construtiva desse tipo de arquitetura. Nesta perspectiva,

Em intervenções que atuem sobre a estrutura, deve-se levar em conta que, nesse tipo de construção, a concepção estrutural, ligada de modo indissociável à forma arquitetônica, é elemento de essencial importância e que deve ser preservado. Devendo os edifícios serem restaurados não

apenas na aparência, mas também em sua função portante (KUHL, op. cit., p. 327).

Deste modo, a intervenção realizada considerou as características formais e técnicas próprias e inerentes ao edifício, de maneira que sua função portante pudesse ser preservada. Reconhecendo tal aspecto como sendo inerente à arquitetura industrial - cuja solução construtiva representa e significa a própria arquitetura do edifício -, foi definida a preocupação norteadora dessa obra: cobertura e estrutura em ferro deveriam ser totalmente recuperadas, enquanto acréscimos extemporâneos nocivos à estabilidade do bem fossem eliminados.

Assim sendo, não restaria dúvidas de que sendo o Mercado de Ferro exemplar expressivo da relação 'arquitetura enquanto resultado da estrutura', recuperando-se sua integridade estrutural ter-se-ia condições de salvaguardar sua importância histórica e, ao mesmo tempo, assegurar as condições físicas para sua apropriação humana.



Fig. 25: Péssimo estado de conservação (corrosão) da fachada metálica. Fonte: Acervo Iphan, 2012.

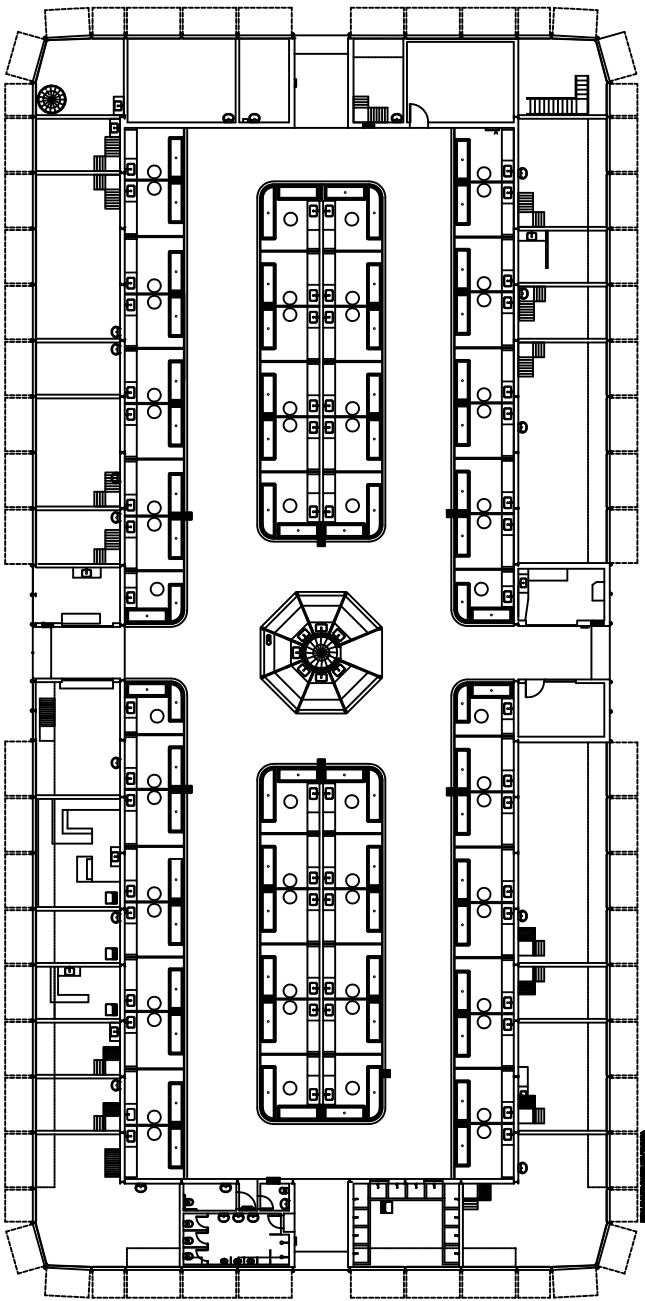


Fig. 26: Planta baixa do Mercado de Ferro. Desenho: Fabrício Cunha, 2014.



Fig. 27: Loja sendo reformada.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.



Fig. 28: Nova alvenaria e estrutura metálica recuperada.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.



Fig. 29: Estrutura metálica da cobertura substituída.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2013.



Fig. 30: Loja com revestimento cerâmico novo.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 31: Loja concluída (piso, parede, forro e escada novos).
Fonte: Acervo Iphan, 2015.



Fig. 32: Mezanino concluído (assoalho, guarda-corpo e parede novos).
Fonte: Acervo Iphan, 2013.

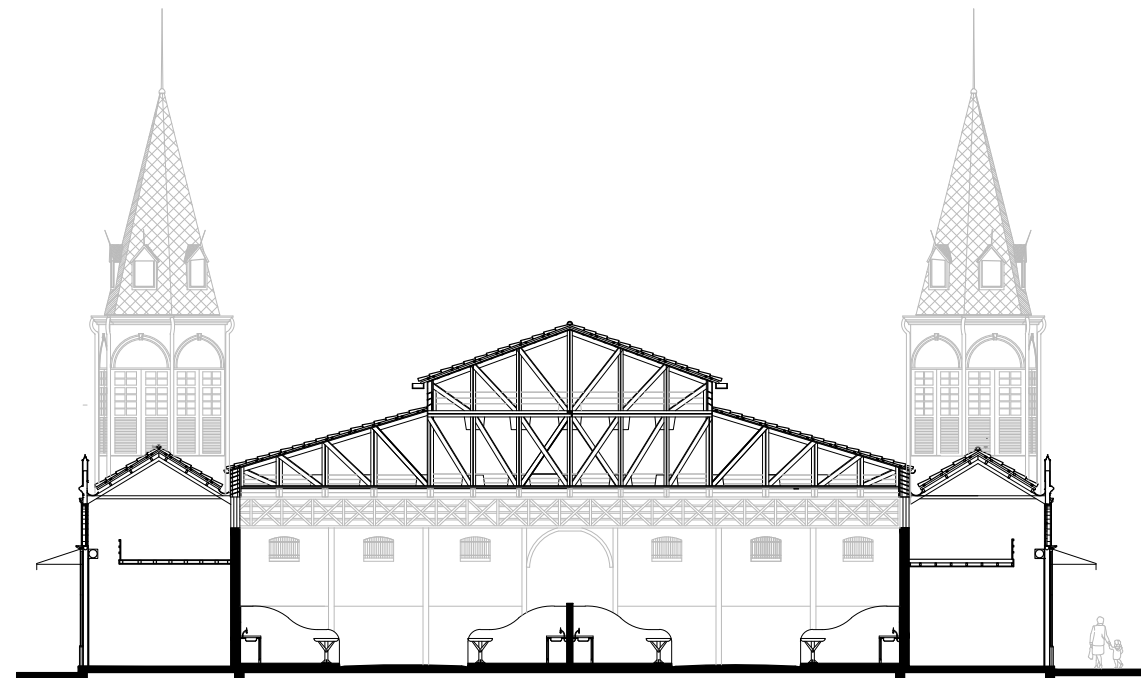


Fig. 33: Corte transversal do Mercado de Ferro.
Desenho: Iphan, 2014.

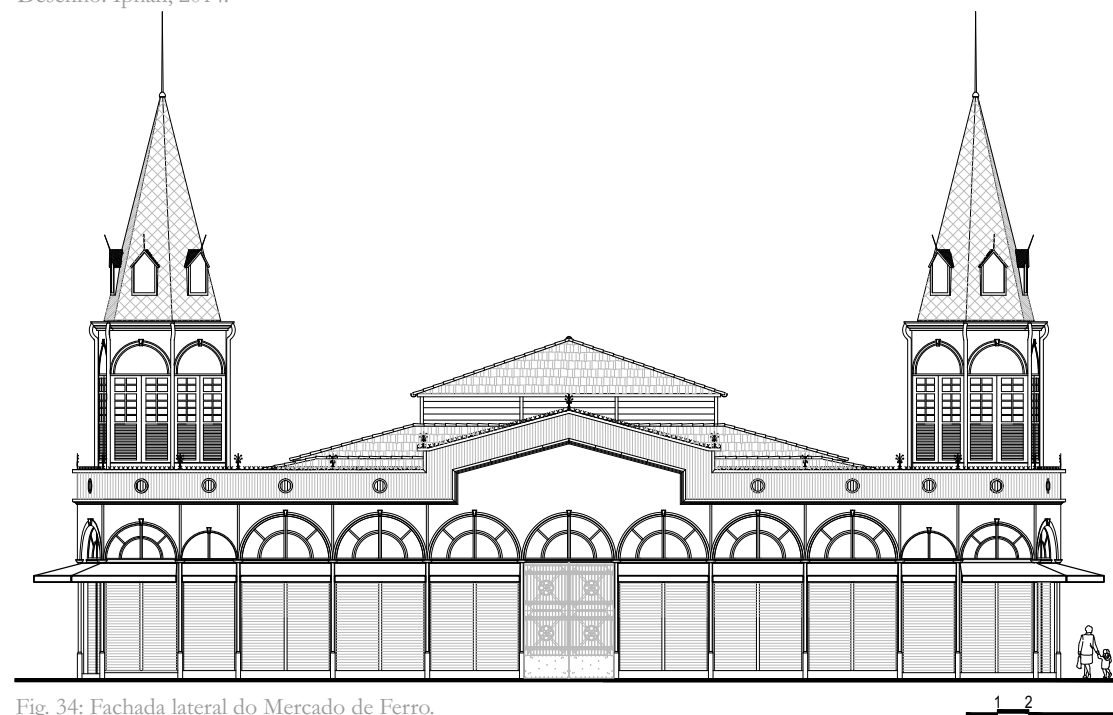


Fig. 34: Fachada lateral do Mercado de Ferro.
Desenho: Iphan, 2014.



Fig. 35: Recuperação de paredes de alvenaria e estruturas metálicas.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 36: Piso em korodur revitalizado e pintura das paredes.
Fonte: Acervo Iphan, 2015.



Fig. 37: Revitalização dos boxes de venda de peixe.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.

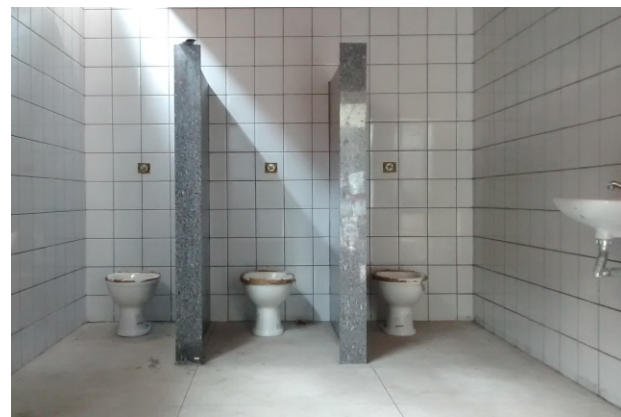


Fig. 38: Reforma com ampliação dos banheiros.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2015.



Fig. 39: Consolidação estrutural das torres metálicas.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 40: Restauração das torres metálicas.
Fonte: Acervo Iphan, 2012.



Fig. 41: Estrutura metálica da cobertura restaurada.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 43: Teste do tipo e cor da tinta da fachada.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 45: Restauração e revitalização de elementos da fachada.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 42: Cobertura com novo revestimento cerâmico.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2013.



Fig. 44: Novos vidros e elementos metálicos recuperados
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2014.



Fig. 46: Vista geral da obra concluída.
Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2015.



Ações com a comunidade do Ver-o-Peso

A intimidade dos belenenses, e dos paraenses como um todo, com o Conjunto Arquitetônico do Ver-o-Peso traduz-se no apelido carinhoso que não raro ouvimos pela cidade: o “Veropa”. Não por acaso. O itinerário histórico do Ver-o-Peso confunde-se com a própria trajetória da cidade de Belém e do estado do Pará. Tombado pelo Iphan em 1977 por seu valor arquitetônico e paisagístico, também configura-se como um espaço aglutinador de práticas sociais e trocas comerciais e simbólicas as mais heterogêneas. Nesse grande mercado aberto, encontramos os mais variados produtos oriundos da natureza e da cultura paraense: ervas, peixes, produtos populares, artesanato, iguarias regionais, personagens peculiares, enfim.

Como se costuma dizer, “no Ver-o-Peso tem de tudo”. Um dos principais cartões postais de Belém, o Ver-o-Peso se presta também a acolher visitantes de diversas partes do país e do mundo, que maravilham os sentidos com os cheiros, cores, sons e sabores. O Complexo do Ver-o-Peso - composto pela área de feira livre, o Mercado de Peixe (ou Mercado de Ferro), o Mercado de Carne, a Praça do Relógio, a feira do açaí, a doca do Ver-o-Peso e o Solar da Beira - abriga em seus espaços uma série de atividades variadas: embarque e desembarque de produtos e pessoas, comercialização de produtos regionais, frutas, verduras e ervas medicinais, serviços de alimentação (refeições e lanches), artesanato, confecções, entre outros.

Mas o Ver-o-Peso é sobretudo um lugar de trocas simbólicas, de materialização da cultura local e de atualização cotidiana da identidade paraense. É um daqueles “lugares de memória” de que fala Pierre Nora. Lugar a partir do qual são constituídos sentimentos “de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos” (NORA, 1993, p.

13). O patrimônio histórico edificado do Ver-o-Peso dá abrigo às diferentes nuances da cultura amazônica, seja nos produtos comercializados, nos seus modos de fazer e conhecimentos tradicionais expressos no manuseio das ervas curativas e nas receitas e preparos culinários, em seus diferentes ofícios (barqueiros, peixeiros, carregadores, balanceiros, etc.); em gestos, linguagens, ritos, que se produzem e reproduzem, atravessando gerações ao longo dos seus mais de 300 anos.

Levando em conta essa miríade de expressões culturais constitutiva do Complexo do Ver-o-Peso, o Iphan desenvolve, desde o início da obra de restauração e conservação do Mercado de Ferro em 2010, ações interativas e educativas com a comunidade. Foram realizadas pesquisas participativas, enquetes, oficinas, mostras e exposições, cujo principal objetivo era estimular a participação da população na gestão da proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural de natureza material e imaterial.



Fig. 47: Entrevistas e coleta de dados junto à comunidade.
Fonte: Acervo Iphan, s/d..

Ação interativa: “Cores do Mercado”

No decorrer da obra de restauração e conservação de Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, foi realizada uma importante ação de interação com a comunidade, decorrente da constatação de que intervenções anteriores removeram camadas de pintura antigas, eliminando-se relevantes referências cromáticas da história do edifício. Assim, visando obter outros dados de pinturas anteriores procedeu-se a pesquisa histórica, bibliográfica e iconográfica (imagens) que permitisse conhecer antigas cores da edificação, contando inclusive com apoio técnico do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação (Lacore) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Esta permitiu a realização de prospecções e relatório técnico com o resultado de análises laboratoriais de camadas pictóricas. Dessa maneira, foi possível embasar a decisão dos técnicos responsáveis pela obra quanto à atual pintura de acabamento do edifício.

Ao desmontar a estrutura de uma das torres, por exemplo, foi possível identificar áreas com pinturas pretéritas nas cores verde e vermelho. A pesquisa de imagens (pinturas em tela e postais, alguns colorizados) também



Fig. 48: Cartão postal, década de 1910.
Fonte: SECULT, p. 59.

revelou representações do monumento em outras cores, considerando-se, nestes casos, a liberdade criadora dos artistas, mas sempre constituindo mais uma fonte de informações. As cores observadas nas imagens foram o vermelho, o amarelo e o azul.

Paralelamente a este fato, uma polêmica foi instaurada quando, na obra, foi aplicada nos elementos de ferro a pintura anticorrosiva, de cor laranja. Imaginando ser aquela a pintura de acabamento muitas pessoas se manifestaram, por meio das redes sociais, e por mensagens enviadas ao Iphan no Pará, emitindo as mais diversas opiniões, umas contrárias e outras a favor da mudança de cor do monumento. A principal alegação era que a cor “original” do Mercado, supostamente o azul, deveria ser mantida. Por outro lado, algumas mensagens defendiam a inovação.

A Superintendência do Iphan no Pará vislumbrou nesta oportunidade um canal de informação e diálogo com a sociedade a respeito do assunto, informando que o Mercado já havia tido outras cores e ouvindo sobre a possibilidade de mudança da cor atual, com opção de escolher outra cor e opinar a respeito. A internet tornou-se a ferramenta mais



Fig. 49: Pintura de Angelo Guido, 1926.
Fonte: Acervo Mabe.

adequada neste caso, devido ao retorno imediato. Entre os dias 17 e 24 de janeiro de 2013, o Iphan, com o apoio do Centro de Memória da Universidade Federal do Pará (CMA/UFPA), realizou uma campanha inovadora, onde a população de Belém foi convidada a opinar sobre as cores do Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, considerado um dos símbolos da cidade, justificando sua escolha.

O sítio eletrônico no qual a enquete foi publicada, o Ver-o-Site (<http://www.ufpa.br/cma/verosite/>), foi desenvolvido pelo CMA/UFPA em 2012, em conjunto com o Iphan e com os trabalhadores do Ver-o-Peso, no âmbito das ações da Rede Casas do Patrimônio Pará. O Ver-o-Site tem como objetivo ser uma ferramenta para divulgação do Ver-o-Peso, os produtos comercializados, histórias e memórias; bem como ajudar a salvaguardar as referências culturais que mantém o lugar vivo e encanta moradores e visitantes.

A enquete teve ampla repercussão na mídia. No último dia de votação foram computados cerca de 3.200 participações, número considerado surpreendente para o período de oito dias.

Desde o início da pesquisa o Iphan já esperava a predominância do azul em relação às outras cores, uma vez que, há muitos anos esta cor vem sendo usada e já se integrou à percepção da paisagem, faz parte das lembranças e da memória social da cidade. Do total dos votos, 57% foram para o azul. O verde ficou em segundo lugar, alcançando uma porcentagem de 28% na preferência. O vermelho teve a menor aceitação, ficando com 15% dos votos.

Para o Iphan, a expressiva participação dos internautas e os resultados obtidos na pesquisa permitem inferir: o Ver-o-Peso é, de fato, um importante patrimônio cultural de Belém e do Brasil, merecendo o título de principal cartão postal da cidade; há uma forte identificação da população com a paisagem do Ver-o-Peso; a tradição é um fator de peso quando se trata de patrimônio; a população se preocupa com o patrimônio e gosta de opinar a respeito.



Fig. 50: Pintura de Armando Balloni, 1956.
Fonte: Acervo Mabe.

A análise qualitativa dos dados possibilitou conhecer melhor a importância e o significado das cores no imaginário da população. No caso específico do Mercado, detectou-se na defesa do azul em contraponto a variações de cor, a manutenção da ‘tradição’ e a resistência a mudanças quando se trata de elementos identitários de patrimônio. O azul também foi associado aos dois principais times de futebol do estado. A cor verde teve sua indicação e aceitação respaldadas na associação com características regionais e ecológicas, tais como Amazônia, florestas e as mangueiras da cidade. O vermelho foi associado à cor do açaí, a pele morena e a bandeira do Pará, denotando uma postura de ousadia, inovação e modernidade.

Intervenções em monumentos históricos deste porte, quase sempre são acompanhadas de discussões em diversas esferas. Contudo, o que antes estava restrito aos escritórios técnicos, profissionais especializados e órgãos responsáveis

pela gestão do patrimônio, já vem sendo feito também com a participação do público em geral.

A internet e as redes sociais são facilitadoras como canais de comunicação e das mudanças. A Campanha para escolha de cores do Mercado de Ferro do Ver-o-Peso foi inovadora. O processo de tomada de decisões se democratizou através deste exercício de senso crítico e estético.

A repercussão da pesquisa de opinião on line foi considerada abrangente, apesar da curta duração, e atingiu diferentes perfis. Basta citar o caso da erveira Beth Cheirosinha, que trabalha ao lado do Mercado. Questionada

se sabia que estava sendo feita uma votação para a escolha das cores do Mercado, respondeu: “Estou sabendo e já votei: escolhi o verde que é a cor das nossas ervas.” A resposta de Beth, assim como de outros feirantes por nós questionados e que também votaram, mostra a possibilidade de participação de diferentes camadas sociais mesmo pela internet

A campanha permitiu ao Iphan identificar o posicionamento de um segmento da sociedade que se tornou partícipe deste processo de decisão; sendo possível observar as percepções elaboradas por atores sociais que se relacionam com o Mercado do Ver-o-Peso, influenciando positivamente na própria valorização do patrimônio.



Fig. 51: Simulação de cores para o Mercado do Ver-o-Peso.
Fonte: Acervo Iphan, 2013.

Ação educativa: Ver-o-Peso das Águas

O objetivo do projeto “Ver-o-Peso das Águas” foi proporcionar, no âmbito das Ações Educativas inerentes a Obra de Restauração e Conservação do Mercado de Peixe, tanto aos trabalhadores que constituem o dia a dia quanto ao público frequentador e visitante do Mercado do Ver-o-Peso, uma oportunidade de redimensionar os olhares sobre os bens materiais e simbólicos que constituem a dinâmica desse complexo arquitetônico e paisagístico. Esta Ação Educativa, foi concebida e desenvolvida pela Associação Fotoativa.

Inicialmente, e de comum acordo com os representantes dos peixeiros, foram oferecidas gratuitamente

aos trabalhadores do Mercado e dos seus pares (familiares e demais trabalhadores do entorno) um conjunto de oficinas de iniciação técnica e linguagens expressivas, consolidando os laços afetivos com o lugar.

O intuito era de capacitar os trabalhadores, viabilizando seu aperfeiçoamento e/ou permitindo novas oportunidades de geração de renda utilizando como referencial imagético o dia-a-dia dos trabalhadores do Mercado de Peixe, conforme se pode perceber nas 4 oficinas realizadas: Noções sobre criação e alimentação de blog / redes sociais; pincel de luz; xilogravura; e ecobijous.



Oficinas

A oficina “Noções sobre criação e alimentação de Blog / Redes sociais” teve como objetivo capacitar trabalhadores do Ver-o-Peso e da comunidade para tratar e postar informações (textos e imagens) na internet, em especial no “Ver o Site”.

Em 2012, o Centro de Memória da Amazônia-UFPA e a Superintendência do Iphan no Pará, juntamente com os trabalhadores do Ver-o-Peso e parceiros, iniciaram a caminhada rumo à construção de uma “casa” na rede mundial de computadores para o Ver-o-Peso. A ação se efetivou no âmbito da Rede Casas do Patrimônio Pará, que reúne um conjunto de instituições atuantes na área do patrimônio cultural.

O Ver-o-Site tem como objetivo ser uma ferramenta para divulgação do Ver-o-Peso, os produtos que são ali comercializados, suas histórias e memórias, bem como ajudará a salvaguardar as referências culturais que mantém o mercado vivo e encanta moradores de Belém e visitantes. O site dispõe de diversos recursos que possibilitam ao visitante interagir e encantar-se, entre eles se destacam a iconografia com mapas e imagens atuais e antigas, o fórum, um passeio pelos diversos setores e a possibilidade dos trabalhadores do Ver-o-Peso enviarem receitas, informações e fotos da sua barraca com informações dos produtos que comercializa.



Fig. 52: Interface do site Ver-o-Site.
Fonte: <http://www.ufpa.br/cma/verosite/#>. Acesso: 15.12.2014.

O objetivo da oficina “Pincel de Luz” foi trabalhar a produção de desenhos baseado na técnica de revelação da luz em papel fotográfico preto e branco velado. Com o escaneamento e tratamento no computador, esses desenhos potencializam a marca do gesto como expressão da identidade.

A oficina “Xilogravura” visava introduzir conhecimentos práticos sobre a técnica da xilogravura, considerada até hoje uma das expressões mais típicas e expressivas do Brasil, que consiste em gravar imagens talhadas numa madeira mole (cajá, imburana, cedro ou pinho) com instrumentos cortantes (goiva, faca, canivete, estilete, formão, buril) e impressas, em seguida, numa folha de papel ou noutra superfície.

Quanto à oficina “Ecobijous” o propósito foi iniciar, com os participantes, a construção de um processo capaz de canalizar o aproveitamento dos resíduos produzidos pelo comércio do pescado no Mercado de Peixe. Neste contexto, a oficina focalizou-se na iniciação às técnicas de aproveitamento de escamas de peixe para confecção de peças de artesanato, tais como, bijuterias e luminárias.

As oficinas foram pautadas em experiências educativas que buscaram desenvolver potenciais humanos por meio da construção de um processo dialógico dos participantes com o contexto onde elas são realizadas.

A fim de compartilhar com a comunidade os resultados das oficinas, para a inauguração da obra foi planejada uma exposição no Mercado de Ferro, além da própria cerimônia de restituição do edifício restaurado aos trabalhadores e à comunidade, com uma seleção das atividades e trabalhos produzidos pelos participantes das oficinas, semelhante a instalação “Das águas, os peixes”, realizada, em 2007, por iniciativa dos próprios peixeiros do Ver-o-Peso, a partir do aprendizado obtido na oficina “Pincel de Luz”, realizada em parceria com o fotógrafo Miguel Chikaoka, em 2006.



Fig. 53: Exercícios com pincel de luz.
Fonte: Acervo Iphan.

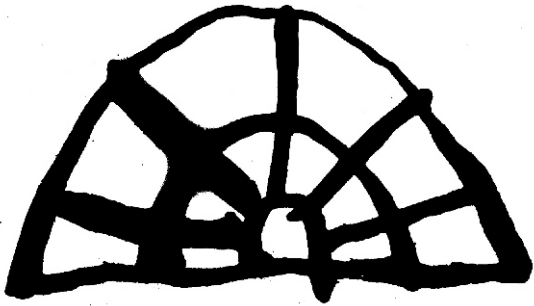


Fig. 54/55: Representações produzidas a partir do pincel de luz.
Fonte: Acervo Iphan.





Fig. 56: Preparação da base para xilogravura.
Fonte: Acervo Iphan.



Fig. 58: Execução de xilogravura.
Fonte: Acervo Iphan.



Fig. 60: Xilogravura.
Fonte: Acervo Iphan.



Fig. 57: Triagem das matérias primas para ecobijoux.
Fonte: Acervo Iphan.



Fig. 59: Execução de ecobijoux.
Fonte: Acervo Iphan.



Fig. 61: Ecobijoux.
Fonte: Acervo Iphan.



Fig. 62: Instalação “Das águas, os peixes”, no Ver-o-Peso em 2007.
Foto: Miguel Chikaoka, s/d.



Bibliografia Consultada

BARRA, Ana Carolina. *Fragmentos de sonho: a arquitetura do ferro em Belém*. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, v. 3, nº 1, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.

CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, v. 2, 1973.

GOMES, Geraldo. Arquitetura do Ferro. *Revista AU*, São Paulo, nº 90, jun./jul. 2000.

KUHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo*. São Paulo: FAPESP/Atelier Editorial, 1998.

LE MOS, Antonio Jose de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém*. Belém: Archivo da Intendência Municipal de Belém, v. 1, 1897-1902.

LIMA, Maria Dorotéa de. *Ver-o-Peso, patrimônio e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará*. 220 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, PUC, nº 10, dez.1993.

PARATUR. *História do Círio de Nazaré em quadrinhos*. Belém: PARATUR, s/d.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. *Belém da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais*. 2 ed. Belém: SECULT, 1998.